

S. Paulo, 2-1-919

Prezado amigo A. Sales

Está salva a pátria. Papi escusando-se por vários motivos e o seu nome já figura na capa do último número como o diretor da revista no Ceará.

Tanto tempo andei atrás de boas informações sobre a "Guidinha do Poço" e afinal me chegam elas inesperadamente e da melhor fonte. Tenho cá a Rev. Bras. mas com falta dos últimos fascículos onde vem o final da primorosa novela. Desejo muito editá-lo em volume porque é um / crime tê-la enclausurada numa revista hoje rara. Mas, nêsse caso com quem devo me entender a respeito de direitos autorais? Na qualidade de editor tomo cautelas para evitar futuros aborrecimentos, Preciso de informações a respeito. Fica desde já entendido que o amigo prefaciará a obra e eu me esforçarei por que na fatura material não destoe o livro das excelências da obra. Quero ver se a faço ilustrada. Depois, muita propaganda e reclame. Foi o que faltou às AVES. O público não pode adivinhar; é mister que lhe abramos os olhos. Para começar - porque não me conformo de ver tanta bagaceira da A.B. de L. no galarim e o seu livro esquecido - já escfevi ao J.M.Belo sobre o estudo crítico de que lhe falei na outra. Caso responda recusando-se baterei à porta do Amadeu Amaral; falhando ainda êste, fa-la-ei eu. Ando escassíssimo de tempo, mas quando há boa vontade "faz-se tempo". E ando escasso de tempo porque m'ô toma todo a regista. Meteu-se-me na telha embrechar o Brasil de Revistas do Brasil, e vivo n'um corropio. O programa dêste ano é levar a tiragem a 10.000 exemplares, coisa que parecia impossível mas que absolutamente não é, como demonstrei com fatos. Para isso muito conto com a boa vontade de amigos simpáticos e dedicados. Dez mil, porque não? Se tirei dos URUPES 7.000 em cinco meses porque não farei outrotanto com a revista? A questão é de trabalho e organização, coisas que nunca sobram nas tentativas anteriores, sempre eivadas dos vícios de vieux jeu. Estou a espera de que me entregue a oficina um material de propaganda que encomendei, e lhe escreverei de novo remetendo munição e combinando detalhes para a grande ofensiva do verão contra o não assinante. Também mandarei uma

batelada de números avulsos para inundar êsse Ceará inteiro. E há de ver que os assinantes virão como avoantes...

Como não vivo disto, empato tôda a renda da revista na propa - ganda e vejo que é boa política. Veremos como se comporta o Ceará! Não deixa de ser um positivo escândalo, capaz de incomodar na tumba os ossos de Alencar o fato absurdo de termos 25 assinantes em Tatuhy - uma cidade - e na terra de Iracema, dos "verdes mares" de tantas e tão belas inteligências termos apenas...

(3 de janeiro)

Continuo hoje. Apenas...

Em Crato	1
Benj. Constant	1
Milagres	1
Fortaleza	7

E mais não diz o nosso registro de assinantes!

Quer isto dizer que o Ceará está virgem. E que temos muito ou tudo que fazer aí. Se o amigo me ajuda com o prestígio que tem logo a situação estará mudada.

Para não perder tempo já por êste correio mando um sortimento de números para ir distribuindo pelos seus amigos nas condições de assinantes prováveis.

O material de que atrás falei irá depois.

E por hoje basta

Do Monteiro Lobato

P.S. Minha mulher agradece os cumprimentos da sua e manda muitas lembranças (Inda ontem me disse ela que ia reler as Aves... Olhe que ela é a cosinheira de Molière!)

S. Paulo, 28-4-919.

Caro Sales

² Suponho, a avaliar por telegramas, que a sêca está conjurada. Assim seja, pois acabo de ler a Fome do R.T. e inda sinto arrepios de horror ante os quadros de miséria humana lá descritos! Nós que aqui tomamos periódicos banhos de cheias e inundações, só por sugestão dum evocador como êle podemos avaliar e desespero duma população "ressecada" durante dois anos a fio. Aqui chamamos sêca, e berramos, quando passa dois meses sem chover. Dois meses apenas de falta d'água do céu deve ser aí pão de ló...

Por descuido meu não foi a revista para o jornal indicado; penitencio-me mandando três exemp. para V. distribuir aos jornais que o mereçam, mandando-me o endereço dêles para depois continuar a remessa diretamente.

O Rui fêz-se-me evaporar ^{tôda} a quarta edição dos Urupês e meter no prelo a quarta, atingindo assim a onze milheiros em nove meses. Hei de te mandar um da nova edição, um pouco melhor do que as anteriores.

O Geca popularizou-se horrivelmente. Raro o dia em que não o vejo citado nos jornais. No Rio já está até em música e me consta que em breve surgirá à luz da ribalta. O Rio atirou-se com furor uterino aos Urupes devorando 2000 exemp. em 15 dias, exgotando a edição e fazendo pedidos que quase absorvem já a metade da quarta. Que fôrça tremenda é a palavra do Rui! E que sorte a minha! Isto entristece. Tudo na vida depende da "chance", tal qual como na roleta. Quantos livros preciosos por aí ignorados só porque os não favoreceu a crítica, porque os tratou com indiferença ou má fé! Mas é assim a vida e não vale deblaterar contra-

Não recebi o seu retrato mas já o co

Interrompi esta aos gritos dos meus pequenos:

-- Os aeroplanos!

Vieram ontem do Rio dois e ainda estão a esta hora em revoos sobre a cidade. Bela coisa!

Admiramo-nos disso e no entanto há quanto tempo voam as moscas

e as aves? E somos nós o animal mais aperfeiçoado...

Adeus. Escreva sôbre a sêca que interessa muito a êste sul encharcado, e disponha do teu

Monteiro Lobato.

S. Paulo, 25-2-919.

3
Prezado amigo

Em mãos a sua de 12. Obrigado pelo que já começou a fazer pela nossa revista, a qual vai de vento em popa. Estamos completando instalação de oficinas próprias e espero ver o número de março sair delas. Isto permite-nos alargar a secção editora que acaba de parir mais uma obra, romance de Lima Barreto, do qual lhe mando um exemplar. Já mandei registrar no livro de remessa a Biblioteca daí, como pediu. Quanto ao romance do Paiva, aqui farei copiar o que falta ao que me vai mandar, e havemos de fazer uma boa edição. Não era conveniente virem êsses originais com uma revisão sua? Há de por fôrça haver gatos neles.

Junto com o seu exemplar do livro do Lima Barreto vão mais 3 para que o amigo ofereça em nome da Revista aos jornais daí. E agora aguardemos o resultado do seu trabalho de propaganda do qual muito espera a Revista. Que pena ser a nossa terra um país de analfabetos!

Adeus, disponha do

Lobato

S. Paulo, 1-9-921.

Antônio Sales

4
 Não acha que já é tempo de fazermos as pazes? Você está brigando comigo, mas eu ^{não} estou disposto a pagar na mesma moeda porque continuo a ter Antônio Sales em alta estima e a fazer propaganda dos seus livros sempre que me ocorre oportunidade. Além disso a vítima da sua turra está sendo a Oliveira Paiva, cuja D. Guidinha inda não desisti de vulgarizar. Nem por amor dêle você se resolve, caro e neurastênico Sales, a reatar amizade com o Lobato? Vamos lá! Toque nestes ossos e retomemos o caminho do ponto em que a Alemanha nos apartou.

A Guidinha! Só cai no domínio público em 1849! E para dá-la agora só com autorização dos herdeiros. Não sei como resolver isto, pois não os conheço nem sei onde moram. Salva-me, Sales! Descubra-me os homens. O Paiva precisa sair da obscuridade, e sairá, se fizermos as pazes.

Adeus. Responde com um abraço de amigo velho

Do amigo, quando mème

Lobato.

O.P., 18.5.922

5
 A. Sales

Tenho editado tanta coisa e nada da tua lavra. Já fizemos as pazes selemos o tratado com a publicação de uma novela tua. Esse teu silêncio já se prolongou demais. É tempo de provar ao país que vigas e viças.

Um romance, uma novela, um livro de contos, queres? As "Aves" não alcançaram várias edições porque o regime editorial do seu editor é defeituoso. Imprimem o livro mas não o espalham. Assim não há livro, por melhor que seja, que consiga dilatar o vôo. Faze a experiência conosco e verás como tudo muda.

Abraços do

Lobato.

S. Paulo, 30 Nov. 918.

Meu caro Antônio Sales,

Recebi e li, "Aves de Arribação". E não compreendo porque não teve esta novela a estardalhaçante consagração merecida! A cada capítulo, a medida que me crescia o enlévo, punha-me a pensar no cabotinismo sujo que tomam contr das nossas letras, e por aí turibula com furor tanta coisa reles, cobrindo com o capote do silêncio as obras de verdadeiro valor. Um exemplo: cada vez que Eélix Pacheco edita ou reedita qual quer coisinha, geme o telégrafo, geme a imprensa do país inteiro em longos estudos críticos onde se encastoa o homem num corno reservado da Lua. Tenha ou não tenha valor a obra, se vem de paredão literário, bem graduado nalguma maçonaria secreta, loja d'Apolo, Comissão Central do Partido Republicano Paulista, corre um mot d'ordre, e explica a apoteose.

Há vários corrilhos assim organizados para sustentar tais e tais marcas de fábrica. No entanto a sua novela passou, silenciosa, num vôo discreto de ave de arribação. Digo isto pelo que vejo aqui. Não o encontro nas livrarias, com exceção do Alves; aos amigos, dados a letras, a quem falei a respeito, ouvi sempre a mesma resposta: não li. Eu mesmo a desconhecia, até de nome, E que injustiça! Onde um painel de costumes mais fiel do que aquêles? Lendo-o ia reconhecendo em cada personagem um tipo com que esbarro em tôdas as cidades do Brasil. Ipuçaba é o Brasil. Asclepiades, Alípio, Casimiro, não são indivíduos, são legiões. Não são cearenses, mas nacionais. Que galeria, meu amigo! Que riqueza há ali dentro! Florzinha - a menina séria, enigmática pela simplicidade desnorteadora do seu mecanismo psíquico, tôda instintos mas sem vontade - e sacrificada. Ritinha - a eterna vítima do macho arreitado, a coitadinha que paga o crime do temperamento dos pais, temperamento que herdou e que a domina, quebrando-lhe as fôrças, no momento do assalto. Alípio - O Brasil novo, educado à francesa, com a moral no bolso, chama que persegue e queima a asa das mariposas, garanhão mordedor, às voltas no pasto, - o aproveitador, o arrivista - o homem que a sociedade critica, mas admira e imita - Alípio: nos todos, os superiores... O juri; a moral teórica

e a moral realizada.

As paisagens, pintadas com mão de Rose : vi-as tôdas, nenhuma delas me deixou no espírito uma impressão confusa. A psicologia, paisagem d'alma; mesma nitidez, mesmo apuro de desenho. A filosofia decorrente do livro, o compendio de sociologia brasileira que êle ê!

Êste mês eu tentei (isto fica muito em reserva cá entre nós) ler vários romances de Coelho Neto e Afrânio. Fui-me a êles armado dessa simpatia que torna legíveis os livros ilegíveis. Pois confesso: não consegui chegar a termo. Não discuto nem analiso o porque. Adoto o sistema de não argumentar com o paladar. Se lhe sabe a iguaria, bem; se não, ponho-a de lado. Entre beber vinho e ingerir óleo de rícino, tudo é beber, mas... Já com o seu livro foi o contrário. Li-o d'arranco, e porisso me externo tão longamente. Não há gosto maior do que encontrar no mundo almas afins - e abrir-se para com ela com ingênua sinceridade. Meu sonho, na Rev. do Brasil é fazê-la crescer pelo país inteiro de modo a ligar todos os espíritos superiores; e pô-la a serviço dêles, não só para a publicação de sua obra, como para a divulgação de anteriores, já publicadas. Não procuro reunir nela os medalhões. Entram velhas e novas, contanto que revelem valor. Erro diariamente na apreciação do valor - submeto-me às vezes às injunções de amizade, de simpatia, mas, dado o da contingência humana - procuro fazer dela um instrumento sério e honesto de entrelaçamento mental como não existiu nem existe outro no país, Está no meu programa publicar ensaios críticos sôbre as obras injustamente esquecidas, ou mal conhecidas.

Pretendo iniciar a série com um estudo sôbre a sua novela. Ou faço-o eu, se puder (o tempo me é muito escasso) ou recomenda-la-ei ao J.M. . Outra novela que merece ser tirada do ostracismo é a D. Guidinha do Poço. Parece-me que a Rev. Brasil. não a publicou integralmente. Com quem estarão os originais? Já escrevi a várias pessoas a respeito, sem resultado. Acho muito bonito aquilo, e queria até editá-la. Faz parte do meu programa uma secção editorial, por um sistema no

vo, que organizo. Pus, e estou pondo, a Revista, em contacto com tôdas as cidadezinhas do Brasil onde haja uma livraria ou papelaria - já fichei 200 - e as obras editadas pela Rev. aparecerão nessas 200 casas ao mesmo tempo. Poucos exemplares, 3, 5, 10, conforme a importância do lugar, -mas aparecerão, e serão adquiridas pelo menos em parte. Obterei assim uma difusão que ninguém supôs nunca possível. Já fiz a experiência com o meu livro, e o resultado foi que neste semestre (precisamente 5 meses) tiro dêle 8.000 ex. em três edições.

Ora, a máquina está em início de montagem. Depois de organizado definitivamente julgo ter nas mãos uma espécie de rede telefônica que ligue todos os homens de letras e os ponha em contacto com a sua clientela - a meia dúzia que em cada cidade se preocupa de ouvir intelectuais, lê e compra livro. Assim, quando V. tiver algum novo romance a editar não deixe de consultar-nos primeiro. Agora, esta semana, contratei várias obras de Martins Francisco e um romance do Lima Barreto.

Uma sua viria em muito bom tempo. Faço contratos dando 50% dos lucros líquidos ao autor. Mas só edito coisas boas.

Para conaguir a realização do meu plano eu precisava contar com a simpatia ativa dos diretores regionais - homem como V. que compreendem logo o alcance dêste esforço. Se todos trabalharmos com afincio nesta obra comum, que belos resultados colheremos! O maior dêles será publicar edições grandes, e, portanto, lucros apreciáveis para o pobre do escritor que raro tira proveito do seu trabalho mental. Mas como é difícil encontrar os verdadeiros amigos da Revista! Como se erra na apreciação dos homens! Quanto calote! Não obstante, a idéia caminha, e hoje uma, amanhã outra, cou congregando em tôrno da Revista todâs as boas vontades em que ela se alicerçará. Quixotada? Que importa! As mais belas coisas do mundo têm saído de D. Quixote.

— Obrigado pela notícia que deu da Revista. Preciso agora que me indique com que jornais devo fazer a permuta da Revista.

Já convidei para diretores regionais as pessoas que me indicou, e

aguardo resposta. O Papi, , e não posso esperar mais. Ficamos entendidos, portanto, que no Ceará será Antônio Sales o diretor. No próximo número já verá o seu nome na capa.

Que mais, meu amigo? Que mais além de um abraço comovido pelo alto prazer mental que me proporcionou-a mim e à minha mulher, que tem o faro de cosinheira de Molière, e nunca erra nas apreciações. Leu antes de mim, contou-me a história inteira, frisando a psicologia de cada tipo, e relacionando-a à de vários conhecidos meus. E concluiu:- Não passe esse livro a ninguém que eu quero reler vários trechos.

Ela não é literata, não é bas-bleu. Mas é como o rato que roi sempre o melhor queijo.

Adeus, e disponha do

Monteiro Lobato.

Antônio Sales

Recebi carta, retrato, Guidinha e não respondi por vários motivos. 1º porque me aborreceu- perdoe a expressão - o tom malcriado da carta versus Alemanha. Não que eu tenha nada com a Alemanha, nem eram minhas aquelas palavras que te irritaram (eram do Neiva) mas pelo tom. Respondi com raiva, mas não mandei a carta, vendo que era tolice brigar por tão pouco. Cada um tem lá o direito de pertencer a este ou aquele partido-^e tem matéria de sociologia o que há são partidos políticos, violentos, extremados. A calma e filosófica apreciação dos fatos é impossível quando o problema social é de novos dias e sofremos a influência das correntes. Você, por exemplo, tem a visão apaixonada pela apresentação francesa dos fatos, vê a Alemanha através dos olhos gauleses e faz corpo com a obra política movimentada pela máquina de propaganda aliada. É uma contingência humana, e um direito teu.

Já comigo dá-se o contrário. Vejo os fatos por um outro prisma; tenho que os provar se equivalem, saem todos da mesma massa, e são bons ou máus conforme são fracos como nós ou fortes como a Alemanha, a In -

glaterra, os E. U. Mas como a violência da corrente aliada revoltou-me, fiz como Você, esqueci a filosofia e alistei-me no partido contrário. Sou pró-Alemanha. Considero-o o único país civilizado, culto, decente, digno de viver. Aprovo incondicionalmente tudo o que a Alemanha fêz, invasão da Bélgica, destruição da França, bombardeio de catedrais etc. Só lamento que o não fizesse em escala maior ainda, dando cabo de todos os povos latinos, inclusive o nosso, que é latino da África, à força de lacrimogênia, paz de , paz do diabo. Tudo que ^{não} é alemão para mim tem o cunho duma marca inferior, e vice-versa. Como vê, partidarismo extremado, violento, injusto, cego - tal qual o teu. Não há, pois, entre nós, harmonia possível neste ponto, e não vale a pena perdermos tempo com esta politicagem.

Mas como ia dizendo, não mandei a carta, e fiz bem, que tollice, esfriar relações por motivos de política internacional.

Depois, saí de S. Paulo. Andei sempre em excursão pelo sertão e pelo litoral. Sempre que , e me lembrava de escrever-te, encontrava aquela pedrinha no sapato da e adiava a coisa para amanhã. Esse amanhã durou muito tempo, mas chegou, afinal, e hoje te peço desculpa da minha grosseira falta, não agradecendo o retrato e o resto! Como te pinta bem a fotografia! Está ali neurastênico e amargo como se enguliras dois boches vivos. Cá está na parede da Revista, entre outros numerosos amigos da casa. Muito obrigado. O meu foi, não?

Apesar de zangado com V. fiz propaganda do teu livro na Argentina. O Mel. encontrou-se com a Aves, e escreve-me admirado de um livro dêsse valor ser mal conhecido no país e fora.

Pedi-me teu endereço para mandar-te a Nacha Regules e outras cousas dêle.

Quanto a Revista, será como quiseres. Ela é boche.

sempre por êles, embora nunca tenha rea

, tratando como trata sô de assuntos . Mas é boche, de corpo e alma. Queres, ainda assim, continuar como diretor, ou há incompatibilidade? Resolve lá, que vou ver porque te interrompi a remessa e restabelecê-la.

Vou mandar-te todos os meus livros; um vai já. Outro, depois, que está em nova tiragem. Coisa de uns 20 dias. Quanto ao livro do Dumur - Nach Paris, não o lerei visto que é coisa do "outro lado". Reservoo o tempo que perderia com êle para ler um sôbre a fi - nal da França que que sairá nestes 10 anos, quando a Alemanha se reer- guer da campanha que lhe fêz o mundo. A tolinha está fiada nas indeniza- ções, e vai ver como a Alemanha as paga. Rirá melhor quem rir-se por úl- timo. Viva a Alemanha!

Viva a paz lacrimogênea!

Adeus, meu caro, e perdoe esta maluquice - não esquecendo que foi você quem começou.

Êste mês passo no Rio (vou amanhã) e lá estarei às tuas ordens à rua Rodrigo Silva-28.

Deutscheand über alles!

M. Lobato.